

Palestra do Guia Pathwork® n° 104
Palestra não editada
25 de maio de 1962

INTELECTO E VONTADE COMO FERRAMENTAS OU OBSTÁCULOS PARA A AUTOR- REALIZAÇÃO

Saudações, meus queridos amigos. Deus abençoe cada um de vocês. Abençoada seja esta hora.

Repetidas vezes, conversamos que entender a si mesmo significa encontrar o seu eu real. Com frequência, também falamos sobre o que é esse eu real. Fizemos isso a partir de vários aspectos. Talvez vocês já tenham percebido que eu frequentemente mudo os substantivos para descrever um termo. Expliquei por que fiz isso em várias ocasiões no passado. Mas vale a pena repetir porque vejo o perigo que vocês correm. Vejo que vocês esqueceram essa explicação. Quando se usa a mesma palavra repetidas vezes – seja ela “imagem”, “eu real” ou qualquer outra – o significado por trás da palavra se perde. Torna-se inerte. No momento em que se torna um rótulo, vocês repetem a palavra sem realmente entenderem sobre o que estão falando. É por isso também que vocês atribuem uma importância tão especial a uma palavra. Contestam o significado de algumas palavras, enquanto cegamente falam outras que já tiveram uma significação para vocês quando as experimentaram verdadeiramente, mas que, com a repetição cega, a experiência viva se perdeu da palavra. Com isso, vocês perdem o significado. Porque o significado é vivo, é sempre fresco e sempre uma experiência espontânea. É por isso que vocês devem se resguardar com relação a isso. Devem estar atentos a essa tentação. É por isso que às vezes é recomendável usar outro termo, porque ele faz vocês tentarem vivenciar o significado por trás da palavra. Se isso não for possível, continuem tentando o tempo todo. Se, no entanto, vocês não conseguirem, tenham consciência de que o seu ser mais íntimo não recaptura, no momento, o significado profundo e a experiência vívida. Essa conscientização conta muito.

Este fenômeno é um bom exemplo da diferença entre o eu real e as camadas superficiais da sua personalidade. Quando vocês experimentam o espírito vivo de um termo, é o seu eu real que o faz. Enquanto a repetição de uma palavra é feita por seu intelecto, a memória é o desejo de recapturar aquilo que já foi experimentado. Quando isso acontece, o significado se torna inerte. A experiência se transformou em um padrão repetitivo. O seu eu real já não funciona mais.

Vamos tentar entender de maneira mais clara como surge o eu real e o que o obstrui. Nem é preciso dizer que a obstrução é causada pelas várias camadas e níveis da personalidade que estão em confusão e erro, e pela sua falta de consciência de que isso acontece. Então, como vocês bem sabem, existe apenas um caminho, que é conhecer-se a si mesmo. Quando vocês sabem que existe uma confusão, mesmo antes de conhecerem a solução, ficam mais conscientes de si mesmos e, consequentemente, mais perto do seu eu real.

Vocês, no seu mundo, estão muito condicionados a um excesso de ênfase no processo de pensamento, intelecto, mente, ou o que quer que prefiram chamá-lo – assim como na força de vontade pela qual acreditam que, de alguma maneira, podem realmente transformar-se em si mesmos por um ato direto da vontade e por usarem diretamente seu processo mental com o objetivo de crescer e se desenvolver espiritualmente. Por exemplo, vocês aprenderam que ser bom e amar indica desenvolvimento espiritual. Assim, vocês tentam ser bons e amorosos impondo seus pensamentos, direcionando sua força de vontade para serem assim. Com todo o trabalho que já fizemos juntos, a esta altura vocês já sabem que não funciona dessa forma. Isso equivale a querer ser algo que vocês não são.

O eu real não pode ser governado pela vontade ou pela força. Ele é uma manifestação direta, não do pensamento e da vontade, mas uma experiência espontânea e criativa que se torna realidade naturalmente, quando menos se espera. Isso é muito importante de se saber, nunca perder de vista e sempre se dar conta. Sem conhecimento, sem consciência, não intencionalmente, mas ainda assim deliberadamente, vocês ainda esperam e lutam por ter o eu real manifesto por atos de pensamento, de vontade, doutrinando-se a si mesmos com conceitos – em outras palavras, por processos intelectuais. Isso não pode ser feito, meus amigos.

Agora pode surgir a pergunta: por que então fazer qualquer uso de seu intelecto, pensamento, vontade, assim como de seu trabalho árduo neste caminho? A resposta é que ao usarem sua mente e sua vontade para entender a confusão e o erro de sua mente, bem como a vontade e as motivações mal direcionadas, vocês indiretamente promovem o nascimento do eu real. É um resultado indireto.

Eis aqui uma explicação breve e geral dos estágios do desenvolvimento espiritual em conexão com o assunto em discussão. O estágio mais primitivo do desenvolvimento é um estado de ser, sem consciência. Eu mencionei isso antes, em outro contexto. A vida animal, a vida vegetal e a vida mineral estão em um estado de ser sem consciência, sem autoconsciência. O homem primitivo estava apenas um pouco distanciado desse estado. Ele tinha um cérebro, é claro, mas estava funcionando em sua maior parte com base no instinto. Apenas lentamente o funcionamento do cérebro, ou intelecto, foi se desenvolvendo. Desde a vida mineral até o homem primitivo, pode-se perceber uma lenta ascensão em termos de consciência, intelecto e vontade. Quanto mais esse desenvolvimento específico prosseguia, menos o estado de ser existia, e mais se transformava em um estado de vir a ser.

O estágio seguinte é um estado de vir a ser, com consciência. O homem está lutando, usando seu intelecto e vontade para sobreviver no mundo material. Ele precisa dessas faculdades para lidar com o mundo da matéria. O pensamento e a vontade exterior são da matéria e devem ser usados para superar a matéria. Mas eles não podem ser usados para se chegar a um estado de ser, que não é da matéria. Podem ser usados somente para remover a ação excedente por meio da qual o erro e a confusão foram criados. Podem ser usados para lidar com aquilo que for de mesmo tipo. Se o pensamento e a vontade foram produzidos em excesso, e consequentemente criaram obstrução ao estado de ser, o pensamento e a vontade devem ser usados para lidar com sua própria produção, e nunca com o estado de ser – o você real. Expresso de outra maneira, significa entender a si mesmo em vez de esperar trazer para fora o eu real por um ato direto da vontade e do pensamento.

O estágio mais alto é o estado de ser, com consciência. Esse estado não acontece subitamente quando vocês se livram de seu corpo físico, mas pode ser vivenciado ocasionalmente e cada vez

mais enquanto vocês ainda estão no corpo. Isso depende de como vocês usam as faculdades que geraram confusão e sofrimento, e de seu uso para aquilo que, por sua natureza, elas não se destinam.

A humanidade se encontra agora no estágio intermediário. É o estado de vir a ser, com consciência. Mas nessa categoria existem muitos estágios e graus diferentes. Façamos uma divisão arbitrária, para facilitar o entendimento. Na primeira metade desse ciclo, é importante cultivar e desenvolver o intelecto, a memória, a discriminação, a força de vontade. Sem isso, como eu disse, a matéria não poderia ser dominada. Para enfrentar a vida, o homem precisa aprender, precisa de sua memória, precisa de inteligência. Ele precisa de sua vontade para superar seus instintos brutos, animais e destrutivos que ficaram adormecidos no estado de ser sem consciência. Sem vontade e inteligência, ele não poderia discriminar e abster-se de praticar ações que causam mal aos outros e a si mesmo. Em outras palavras, suas ações são governadas pelo pensamento, intelecto e vontade.

Mas, na segunda metade desse ciclo, o homem dominou completamente esse estágio. Ele deve se aproximar do limiar em direção ao estado de ser, com consciência. Com frequência percebe que quer algo mais do que uma vida material satisfatória. Isso não o deixa satisfeito. Filosofias religiosas se valem de diversos termos para informá-lo sobre esse estado mais elevado. Ele não deseja esse estado superior apenas porque é infeliz ou porque ouviu acerca dele, mas também porque algo profundo dentro dele o compele em direção a um novo estilo de vida. Mas, equivocadamente, ele tenta usar as mesmas ferramentas de que precisou para a vida material para entrar na vida espiritual. E isso não funciona. Quando ele tenta alcançar essa forma de ser mais elevada pelas ferramentas do intelecto, processo mental, força de vontade, o que acontece é o que vem a seguir. Ele constrói o que chamamos imagens de si mesmo, de como ele deveria ser, da vida de acordo com as suas limitadas experiências passadas. Vezes sem conta nós discutimos toda essa condição: repressão, autoengano, não aceitação daquilo que ele realmente é diante do que deseja ser. Tudo isso é produto do uso das faculdades do processo mental, e o exercício da vontade prova apenas que elas não podem proporcionar liberdade e crescimento espiritual. Então, pensamento e vontade criam confusão e sofrimento. Quando vocês considerarem o que é uma imagem, verão que usaram um padrão sobreposto para encobrir o que realmente sentem, o que realmente são. Vocês já não aceitam o que são e sentem, em seu empenho por serem algo mais ou melhor, ou para alcançarem algo mais ou melhor. Ambos pertencem à categoria do vir a ser, mas vir a ser no sentido equivocado, no sentido de se afastar de si mesmos, do que vocês são e do que têm agora. O estado de ser, de uma forma harmoniosa, pode ocorrer somente pela aceitação de qualquer que seja o estado encontrado no momento, desarmônico. Com tal aceitação, vocês podem cuidar de tentar entender a si mesmos em todas as facetas e, com isso, superar esse estado. Mas vocês nunca conseguirão se libertar dele encobrendo o que quer que sejam agora. Isso ilustrará a vocês como as ferramentas do intelecto e da vontade podem ser destrutivas se não forem usadas com o devido propósito. E isso é o costume em geral em seu mundo.

A mente e a vontade constituem uma ferramenta temporária com vistas a proporcionar diretrizes a suas ações e intenções exteriores. Elas podem e devem ser usadas para a sua vida física, para ações exteriores, para decidir conhecer a verdade sobre si mesmos. Mas não podem ser usadas para a espiritualidade. A espiritualidade é, acima de todas as coisas, amor, com todos os seus derivados. Vocês sabem muito bem que não podem amar forçando-se a si mesmos. Podem acreditar que o fazem, quando na verdade não é esse o caso. Contudo, isso não significa que vocês amem. Mas o amor pode surgir quando vocês removem seus erros, suas confusões, suas ideias preconcebidas, sua dependência das opiniões alheias, e assim por diante. Tudo isso pode ser removido somente por

meio de seu completo entendimento. Então o amor surge por si mesmo, à medida que o eu real surge por si mesmo.

Vocês não podem tomar uma decisão, passar por um ato de determinação de ser uma boa pessoa, de amar, de ter compaixão ou humildade. Mas podem tomar uma decisão, passar por um ato de determinação de descobrir o que faz com que vocês não sejam tudo isso, de descobrir quem são – e, assim, remover o que os está impedindo de serem aquela pessoa boa e amável, e também o que está servindo de obstáculo entre vocês e uma vida plena, liberdade interior, realização de seus potenciais ou, em outras palavras, vocês serem seu eu real.

Vocês podem talvez entender agora um pouco melhor o porquê de o processo mental, intelecto, mente e vontade obstruírem o nascimento do eu real? Do amor? De todas as qualidades que são chamadas espirituais? Tudo isso acontece por si só, como resultado de se conhecerem e entenderem a si mesmos. Não se deve esperar que aconteça como um resultado direto. Pensamento e vontade podem produzir somente pensamento e vontade; não podem produzir algo que não tenha nada a ver com eles. Amor, compreensão transcendente e todas as outras qualidades do eu real não têm nada a ver com pensamento e vontade.

Qualquer um que tenha passado por um processo criativo irá admitir prontamente que a criação genuína não é determinada por um ato de vontade ou por um pensamento que ele tenha direcionado para o canal que possa acreditar que produza tal experiência criativa. A criação surge espontaneamente, sendo inesperada. Quando você menos espera, ali está ela. O mesmo acontece com a manifestação criativa do eu real, ou seja, com um genuíno sentimento de amor e compreensão profunda, em oposição a um sentimento superficial e intelectual que meramente recita e repete – sejam ensinamentos de outras pessoas, sejam as próprias experiências genuínas anteriores.

Sobreposições ocultam o eu real. Isso é óbvio. As sobreposições ocorrem porque a mente e a vontade assumem o controle sobre elas. Sem a mente para decidir e a vontade para levar a cabo, nenhuma sobreposição poderia ocorrer. Vocês sobrepõem porque lutam pela felicidade, pelo reconhecimento, mesmo que isso signifique desenvolvimento espiritual. O estado de vir a ser é esforçar-se. Se a pessoa não estiver no estado de vir a ser, não haverá esforço e, conseqüentemente, não haverá perigo de confusão ou sofrimento. Suponha o mais baixo estado de desenvolvimento, a vida mineral. Ela tem o mais baixo grau de consciência e vontade e o mínimo de mente. Não há sofrimento. No estado de ser, não há sofrimento. Nem tampouco o sofrimento irá se combinar com o crescimento em direção ao estado de ser, com consciência, mas somente quando o homem tiver aprendido a passar pelo estado de vir a ser em todas as suas facetas, começando primeiro com o uso de sua mente, intelecto, pensamento e vontade de maneira orgânica. Quando, no entanto, o uso inorgânico e não natural tiver ocorrido, será necessário remover aquele excesso e aquelas obstruções que foram causadas pelo mau uso dessas faculdades. Não se pode dizer que a mente, o intelecto e a vontade causem sofrimento e angústia, mas seu uso quando não deveriam ser usados provoca esse efeito. Sua mente é responsável por todas as imagens, conclusões errôneas, petrificações, generalizações e tudo o que for paralisante em vocês. Por isso, vocês têm que usar esse mesmo instrumento para remover essas condições. E isso pode ser feito somente pelo entendimento completo e profundo, e não apenas de modo superficial.

Existem muitos sistemas religiosos que se dão conta do perigo da mente. Eles tentam eliminar o funcionamento da mente e da vontade. Isso não pode funcionar. Não aceitem minha palavra com relação a isso, meus queridos. Eu sempre peço para que vocês nunca façam isso. Mas pensem a

respeito. Quando vocês realmente pensarem sobre isso, verão por si mesmos que é assim. Quando vocês artificialmente suprimem a mente pelo exercício e disciplina, o que acontece? Vocês reprimem o que ainda existe em vocês, e sempre que confrontados com uma crise à qual não podem aplicar esses exercícios, aquilo que foi reprimido e eliminado de sua consciência aparece mais uma vez na superfície. Então, é apenas uma questão do grau de sucesso com que vocês reprimem da vista e da consciência o que quer que ainda continue a existir. Portanto, qualquer exercício de suprimir a mente, suprimir tendências, pensamentos, emoções, atitudes que não sejam de seu agrado será algo artificial e nunca, nunca trará uma libertação genuína. A libertação não deve temer as circunstâncias negativas. Não deve usar a disciplina ou qualquer exercício, porque o que não está lá não deve ser manipulado. Isso é lógica simples. A única maneira de dissolver o indesejável é entendê-lo, conhecê-lo, admiti-lo.

Por favor, não pensem que proponho dissolver a mente como um todo. Desse modo você se tornaria um imbecil. Enquanto vocês viverem neste mundo, vocês precisarão da mente. Mas dissolver suas ações negativas, seu uso em áreas de seu ser onde a mente é um obstáculo e uma causa direta de seu sofrimento e confusão, um obstáculo direto ao processo criativo de seu eu real. Muitos de meus amigos vivenciaram essa manifestação, não apenas na arte criativa, mas também quando um pensamento ou sentimento profundo de amor ou uma nova maneira de enxergar a vida surgiu de uma fonte em seu âmago. Ela vem de outra área e, quando vocês a observarem, verão que é como se vocês tivessem outro cérebro, outra sede de sentimento e reação dentro de si mesmos. No início isso não acontece com frequência, mas deverá aumentar em frequência e duração à medida que vocês entendam a si mesmos mais a fundo. Não tentem reproduzi-la de maneira artificial e voluntária. Não vai funcionar. No momento em que vocês fizerem isso, novamente usarão as ferramentas da mente e da vontade onde elas não podem ser bem-sucedidas e funcionais.

Com relação a essas duas áreas do pensamento – o intelecto superficial e o eu real – o primeiro pode ser direcionado, manipulado livremente e é governado pela vontade. O segundo não pode. Mas ele é muito mais inteligente, muito mais exato e muito mais confiável. É sempre construtivo. Você nem precisa, nunca, fazer uma escolha. Ele está ali, permanece ali como a única verdade, sem nenhum questionamento ou dúvida. Questionamento e dúvida fazem parte do intelecto superficial, da mente. Mas o segundo, o eu real, é um produto, um resultado que está nascendo em vocês lentamente, vagarosamente, com interrupções, apenas na medida em que vocês entendem e aceitam a si mesmos como quer que sejam agora. Na medida em que vocês aceitarem a realidade do seu estado real agora, a realidade do eu real poderá se manifestar.

Uma das qualidades intrínsecas do eu real é que ele reage sempre de uma maneira nova a cada experiência e aspecto da vida. Nunca é governado pelo passado. Consequentemente, sua maneira de vivenciar é tão pungente quanto a de uma criança. Mas quando a sua mente impressionável cria uma imagem a partir de uma experiência, petrifica essa experiência única em uma regra geral e uma lei, sua habilidade presente e futura de vivenciar fica limitada à experiência passada. E, assim, o frescor se esvai, e com frequência a verdade, porque o presente não tem, na realidade, nenhuma semelhança com o passado, ou ele não precisaria ter ou não teria, se você não o moldasse de acordo com essa imagem. Talvez agora vocês entendam melhor o que temos discutido, trabalhado e observado durante todo esse tempo. A única maneira de dissolver essas experiências passadas, profundamente impregnadas na sua mente consciente ou inconsciente, e de se libertar de seu efeito limitante e errôneo é se tornar consciente dele, olhar para ele, entendê-lo em todo o seu escopo e profundidade, com todo o seu significado. Isso pode ser feito somente se vocês estiverem verdadeiramente dispostos a se encararem com absoluta honestidade, se vocês estiverem dispostos a se desfazerem de

quaisquer desejos sobre o que deveriam ser, em contraposição ao que são. Vezes sem conta eu tenho que repetir que isso não pode ser feito se vocês se moralizarem. Essa automoralização constante, que normalmente existe de maneiras sutis, tortuosas e ocultas, impede o entendimento daquilo que causa sofrimento em sua vida. Esse sofrimento é sempre autoproduzido. Ele nunca vem de fora, independentemente de quanto pareça ser esse o caso quando se olha superficialmente.

Normalmente acontece de uma pessoa estar basicamente pronta para entrar na segunda metade do ciclo – aproximando-se do limiar em direção ao estado de ser, com consciência. Ainda assim, ela se opõe ao crescimento orgânico para esse estado, atendo-se artificialmente a essa ênfase excessiva na mente, no intelecto e na vontade externa. Ao conter a vontade, ao manipular o pensamento, ao disciplinar as emoções, ela acredita que pode alcançar o crescimento e a experiência do eu real. Quando temporariamente aparenta ter uma paz precária e condicionada, ela se vê incentivada a acreditar que está no caminho certo. Mas quando a sua ardente realidade interior se manifesta para perturbá-la nessa falsa paz, ela se desespera. Se ao menos ela abrisse mão do conhecimento sobreposto, de tentar estar à altura de ideais que, no íntimo, ela ainda não é capaz de honrar, não usaria de maneira equivocada as ferramentas do intelecto e da vontade, criando assim mais obstruções. Se ao menos os conceitos fossem menos importantes do que o que ela realmente sente, então ela não obscureceria uma joia, a joia do eu real. O homem se agarra a essas ferramentas porque se sente inseguro sem elas. Ele não confia em si mesmo para ficar sem as regras, leis, conceitos e ideais do exterior. Sem o conhecimento do que é certo e bom, ele inconscientemente pensa que não pode abrir mão dos padrões sobrepostos. Ignora o fato de que, se ao menos pudesse fazer isso, olhar para si mesmo como realmente é, não teria nada a temer. Para tanto, ele teria que ver, primeiramente que as sobreposições existem e, então, teria que determinar o porquê de elas existirem. Ele acabará vendo que a segurança desempenha um papel. Esse tipo de aferrar-se à segurança não pode deixar que o eu real se estabeleça. Se vocês seguirem esse procedimento, não irão obstruir o crescimento para o qual estão inerentemente prontos.

Não tentem suprimir à força a ênfase exagerada no intelecto e na vontade exteriores. Use-na, em vez disso, para ver, para entender o que está em vocês, para aceitarem-se a si mesmos sem moralizar. Não se livrem dela, mas use-na somente para promover indiretamente o constante processo de renovação e regeneração, a experiência direta de espontaneidade criativa que somente o eu real pode proporcionar.

O que talvez vocês encontrem dentro de si mesmos pode muito bem ser o mesmo que os padrões sobrepostos que adotam do exterior. Mas existe um mundo de diferença entre os dois. Somente o que deriva genuinamente de vocês mesmos tem algum valor. Vocês não podem encontrar o que está genuinamente em seu interior, por trás de todos os padrões e imagens destrutivos, se não estiverem prontos para se desfazer dos conceitos sobrepostos e intelectualizados e, assim, olhar para si mesmos desnudos. Não importa quão verdadeiro tenha sido um conceito que vocês adotam para a pessoa que o tenha vivenciado; ele já não é mais uma verdade se for repetido somente em ação e pensamento.

O que estou dizendo aqui é sabedoria antiga, e muito disso já disse anteriormente. Mas muito pouco foi verdadeiramente compreendido. Então agora eu tento dizê-lo mais uma vez com palavras diferentes. A fase da qual a maioria dos meus amigos está se aproximando agora requer a conscientização de tudo o que eu disse esta noite. Essa dependência de padrões externos, de ideais sobrepostos, não pode ser eliminada mais do que qualquer outro estado imaturo em que vocês se en-

contrem. Mas reconheçam-na pelo que ela significa, investiguem-na, admitam o fato de que vocês estão nessa dependência!

E agora para as suas perguntas.

PERGUNTA: Em meu trabalho, eu percebi que, pelo fato de ter que me justificar pelo que faço, eu também me condeno. Percebo que isso parece ser um mecanismo de defesa. Ele forma minhas conclusões e imagens errôneas, de certa maneira, uma espécie de confusão emocional que eu venho intelectualizando. Você poderia sugerir uma abordagem a esse problema de autojustificativa e autocondenação? Eu me sinto confuso quanto a se estou ou não justificando ou condenando a mim mesmo dessa maneira.

RESPOSTA: À medida que você toma consciência desse justificar-se a si mesmo, pergunte-se o porquê de estar fazendo isso. Alguém justificaria o que ele, de alguma maneira, não sente que precisa de justificativa? Se você sente que precisa de justificativa, deve condenar ou julgar ou moralizar a si mesmo. Não pode realmente haver justificação sem moralização. Então, pergunte a si mesmo de maneira clara, o que exatamente você condena? E depois pergunte-se porque você o condena. Será fácil de ver que você faz isso, não por causa de um conhecimento inato, mas principalmente e acima de tudo, porque você ouviu isso. A sua sociedade e ambiente condenam, então você também o faz. Agora, pode muito bem ser que você queira ficar livre dessa propensão ou tendência, independentemente dos padrões sobrepostos com os quais foi doutrinado. Talvez você sinta, por vários motivos, que vai levar uma vida mais completa e construtiva. Mas para que você possa ter consciência de seu próprio desejo inato, precisa separar esse último da sobreposição e da dependência da opinião pública. Então, para poder solucionar o problema que impede o seu pleno desenvolvimento, você precisa entender o problema. Mas não poderá fazê-lo se você se condenar e justificar pelo problema. Isso eu já disse muitas vezes, mas é sempre esquecido. Você não pode descobrir a verdade sobre si mesmo, sobre a existência de seus problemas, quando a aborda com uma atitude de certo versus errado, bom versus mal.

O simples fato de que você deseja se livrar do problema não causaria justificação e condenação. Isso acontece apenas porque você deseja estar à altura de padrões e ideais sobrepostos. E você assim o faz porque não pode aceitar-se da maneira como é agora. Você já quer ser diferente. Foge daquilo que é, e isso o proíbe de superar o seu problema. Você só pode superá-lo se o aceitar como sendo uma parte de você, aceitar que você tem esse problema. Se você o aceitar completamente, não irá mais se justificar ou condenar. Você terá aberto mão do ideal e, consequentemente, dos padrões exteriores.

Se alguém quer alguma coisa e não se importa em seguir padrões externos e ideias preconcebidas, ele não vai precisar de justificativa e condenação se não for bem-sucedido de imediato. Vamos supor que alguém queira escrever, mas não consegue. O simples desejo não vai fazê-lo se condenar. Mas se a sua sociedade proclamar que todo aquele que não escreve comete um crime, um pecado, ou é inferior, então, além do simples desejo, ele vai começar a se condenar – e, consequentemente, se justificar para repelir o peso de sua autocondenação. Ele irá encontrar desculpas, explicações, razões – todas para encobrir sua autocondenação.

Agora, separe esses dois aspectos. Tome consciência da sua dependência da opinião pública. Descubra o porquê de você querer solucionar seu problema. Então, esteja ciente de que toda vez que você encara o problema, está condenando e justificando. Quanto mais você fizer isso, menos irá

justificar e condenar. E isso é o começo do entendimento do problema. À medida que você se conscientiza e compreende sua automoralização e autojustificação, elas diminuem pelo ato de você as estar observando. Assim, o problema será resolvido pelo ato de entendê-lo e de observar a si mesmo com todas as reações que estão conectadas a ele. Mas esse último não pode acontecer antes que você tenha dado conta do primeiro.

Tanta infelicidade é causada pela necessidade compulsiva de estar à altura daquilo que você sabe que existe. Se você não soubesse disso, essa infelicidade não existiria. Assim, a infelicidade é com frequência determinada pela comparação. Portanto, ela não é genuína. Para tomar um exemplo primitivo, vamos supor que alguém tenha poucos recursos econômicos. Ele não passa fome, mas tem menos que seus vizinhos. Se todos os demais vivessem como ele, ele não seria infeliz, mas como os outros têm mais, ele é. Essa infelicidade é real? Se não é real, ela vem da mente, de ideias sobrepostas, de conhecimento exterior – e, portanto, ela afasta do eu real. Pode valer muito a pena dedicar sua consideração a encarar sua infelicidade a partir desse ponto de vista. Embora muita falta de realização ainda persistisse por derivar de uma necessidade genuína, um impulso excedente seria eliminado pela observação de que ela é agravada pela comparação de si mesmo com os outros e pelo conhecimento exterior. Tornar-se consciente da ânsia e da compulsão deixará o desejo genuíno livre e, por conseguinte, criará abertura para compreender as obstruções.

O estado que poderia deixá-lo verdadeiramente infeliz não pode ser compreendido e, consequentemente, dissolvido, enquanto você for motivado por padrões sobrepostos. Enquanto vergonha e orgulho induzirem à moralização e à justificação, você não poderá superar o problema porque não poderá entendê-lo. Portanto, olhe para tudo isso com calma, sem pressa nem a afobação de querer superá-lo imediatamente.

PERGUNTA: Eu tinha a impressão de que a mente era a construtora, mas, de acordo com o que você diz, parece-me que as emoções são a construtora. Estou certo?

RESPOSTA: Ambas são construtoras. Ambas podem ser construtoras de algo construtivo ou destrutivo. Se forem usadas para algo para o qual não sejam organicamente destinadas, serão destrutivas. Se a mente quiser construir um estado espiritual, ocultando as emoções reais, ela será destrutiva. Se a mente construir com o que descobrir sobre suas próprias distorções, ela será construtiva. Emoções que estejam conscientes, mesmo se negativas, não podem construir nada destrutivo. Mas emoções negativas inconscientes estão fadadas a construir resultados destrutivos. Emoções positivas constroem resultados construtivos. Se a mente for usada para construir coisas materiais, ela será construtiva porque é para isso que ela serve. Você precisa da mente para criar a intenção de remover o que a mente tiver construído negativamente. Não existe uma linha divisória rígida entre mente e emoção. Elas se misturam. Tanto pensamento como emoções podem ser da mente. E outra região de seu ser – o eu real – produz pensamento diferente e sentimento diferente.

PERGUNTA: Eu gostaria de fazer duas perguntas relacionadas ao yoga. O que você disse esta noite é o mesmo que o yoga denomina “tornar-se o espelho da realidade”? E também, que a mente deve se tornar a destruidora da mente para que se possa alcançar a realidade?

RESPOSTA: Sim, é o mesmo, apesar de ser usado com muita frequência de uma maneira errada. É usado de maneira calcada na força, na sobreposição, na supressão forçada de algo. Mesmo a palavra “destruidora” sugere esse mal-entendido profundo e lastimável. Nela está implícito um processo equivocado. Se você tentar “matar” a mente, ela simplesmente se esconderá. Ela pode ser dis-

solvida somente por um processo de entendimento. Uma confusão não é eliminada por um ato forçado de extirpá-la. Isso apenas faz com que você reprima a consciência de sua existência. Mas se você olhar a confusão sem compulsão, sem pressa, sem moralizar, sem negação, poderá ter esperança de conseguir o entendimento necessário para superá-la. “Destruir” sugere compulsão, pressa, moralização – e, portanto, não pode ser o caminho. A maioria de vocês neste caminho já não vivenciou esse fenômeno? Toda vez que você se depara com um aspecto de que não gosta e o encara com a impaciência de se livrar dele, ele sempre reaparece de uma maneira ou de outra, mais cedo ou mais tarde. Mas quando você o olha calmamente, alcança um nível mais profundo de entendimento e, assim, lentamente, esse aspecto verdadeiramente começa a perder a força e o impacto. Toda vez que ele ainda reaparece e você não fica impaciente consigo mesmo, mas tenta reconhecer mais sobre si mesmo a partir da existência dele, você fica calmo e em paz, mas certamente não por tê-lo “destruído”, que é apenas outra palavra para dizer eliminá-lo. Tudo o que eliminar pode produzir é repressão, e repressão é autoengano. Você acha que não o tem porque não está consciente dele. Mas isso não é se livrar de nada. Assim, a força leva apenas ao autoengano e à ilusão. Mas deixando o aspecto indesejável em paz, deixando-o flutuar na superfície, você o observa; você aprende a entendê-lo. Você se posiciona por trás dele e vê o que está ali. Essa é a única maneira, meus amigos. Suprimir ou destruir seria um atalho, e não existe nenhum atalho para o crescimento e para a verdadeira saúde espiritual e emocional. Quando você não interfere nele com completa consciência, isso faz com que ele deixe de existir depois que se obtém uma completa e profunda compreensão.

Os mestres que fizeram essas afirmações perceberam certas verdades. Mas eu duvido que qualquer um que tenha percebido e vivenciado a verdade a esse respeito possa defender a “destruição”. Aqueles que o fazem, adotaram uma experiência de outra pessoa; eles repetem o que ouviram – e se traem diante daqueles que sabem. Também é possível, é claro, que termos equivocados sejam usados por tradutores ou outras pessoas que tentam passar ao mundo o que uma pessoa vivenciou. Esses procedimentos de “destruir” etcetera afastam para ainda mais longe do estado de ser real. Podem levar a um estado de ser ilusório e imaginário.

Os grandes espíritos de todas as épocas disseram, e dirão, o que eu venho tentando dizer a vocês ao longo de anos, com diferentes abordagens e pontos de vista. Eles podem ter usado palavras diferentes, mas a essência permanece sempre a mesma. Jesus falou sobre não resistir ao mal. Isso é o que ele quis dizer. Se resistir ao mal, à confusão, às distorções, você somente os forçará abaixo da superfície. Se não resistir a ele, poderá vê-lo. Você automaticamente terá a humildade de não tentar ser mais do que é e, com isso, contará com o pré-requisito básico para superá-lo – para renascer em seu eu real. Suprimir, forçar, ação disciplinar, destruição são resistência. Quando você julga, você resiste. Quando você justifica, você resiste.

PERGUNTA: O que é, então, a autodisciplina correta?

RESPOSTA: Eu acredito que esta palestra, assim como as anteriores, aborda amplamente essa questão. Um dos pontos que eu reforço repetidas vezes é que a ação disciplinar é força e, consequentemente, afasta do autoconhecimento. O intuito de olhar para si mesmo como você é, e não como deseja ser, sim, mas a disciplina conota compulsão, supressão, repressão, ação forçada – todas atalhos, todas ilusões, todas medidas para fortalecer a autoimagem idealizada.

Como eu disse nesta palestra, intelecto, vontade e, consequentemente, também disciplina são necessários para as suas ações exteriores, para a sua vida física, para evitar que impulsos destrutivos se manifestem. Mas quando se trata do crescimento de seu ser interior, a disciplina é muito prejudi-

cial. Se disciplinar seus pensamentos e emoções, você os forçará a ser algo diferente do que são. Se você pretende observar a si mesmo mais e mais na verdade, isso não é disciplina. É uma intenção na qual você persiste. Se você usar sua vontade com o propósito de “eu quero me conhecer”, isso é bom, construtivo, realista. Mas se você usar sua vontade para ser algo que ainda não é, como isso pode ser real? Se você olhar para si mesmo calmamente, sem moralizar, sem justificar, sem reclamar ou se ressentir, você não estará se disciplinando. Se você encontrar essas tendências e observá-las, você não estará se disciplinando. Você simplesmente observa o que está ali. Você entende?

PERGUNTA: Não sei como uma pessoa pode viver sem autodisciplina.

RESPOSTA: Isso é algo completamente diferente. Mas deixei isso tão claro nesta palestra, aliás, assim como nas anteriores, que acredito que, se você as reler calmamente e abrir sua mente, verá o que eu quis dizer. Logicamente, a alma imatura tem muitos impulsos destrutivos cuja ação pode ser impedida apenas por meio da disciplina. Mas não estou falando sobre isso. Falo sobre a vida interior, sobre a superação desses impulsos muito destrutivos. Falo sobre o nascimento do eu real, do amor. É possível que o amor venha a existir pela disciplina, por um ato de vontade? É possível que qualquer processo criativo venha a existir pela disciplina? Você pode ser uma boa pessoa pela disciplina? Certamente, não. Você entende um pouco o que quero dizer?

PERGUNTA: Existem muitas formas de disciplina, e não é isso o que eu tinha em mente. Eu quis dizer canalização.

RESPOSTA: O que você quer dizer com canalização?

PERGUNTA: A canalização de emoções.

RESPOSTA: Quando você canaliza as suas emoções, você as força a funcionar de acordo com o que decide, com a sua mente, com relação a como elas deveriam funcionar. Isso é natural? Pode conduzir à realidade? Quando você não estiver sendo cauteloso e não disser a elas como funcionar, não as canalizar, elas funcionarão como são – e você ficará decepcionado porque pensava que a sua canalização, a sua ação disciplinar, havia feito delas o que você queria que elas fossem, tivesse feito de você o que você queria ser. Mas você não é. Se você fosse realmente assim, não teria que canalizar nada. Suas emoções fluiriam automaticamente de uma maneira construtiva. No momento em que tem que canalizá-las, você desconfia delas. E com razão, já que elas ainda são imaturas. Como elas podem amadurecer pela canalização? Você canaliza algum organismo vivo, algum corpo em crescimento? Se o fizesse, você o aleijaria. E é isso que acontece com as emoções quando elas são canalizadas. Elas podem aparentemente “se comportar”, mas isso não significa que superaram o estado de imaturidade. Mas já discuti isso no passado em tal nível de detalhe que não preciso repetir aqui. Quero apenas acrescentar isto: emoções canalizadas são emoções negativas manipuladas. Somente deixando-as livres você será capaz de transformá-las ao compreendê-las. Por sua própria natureza, os sentimentos são construtivos, mas como você pode chegar até eles enquanto não entender as suas distorções negativas? Quando canaliza suas emoções e, portanto, você mesmo, como pode ser livre? Individualidade é liberdade. Disciplina e canalização afastam da liberdade.

PERGUNTA: Se uma pessoa está nesse estado de ser que é o eu real e está funcionando em um nível positivo, e então descobre uma tendência neurótica em um nível profundo no passado, o eu real parece desaparecer. Por que ele não pode abrir os canais que estão ali, e por que então você não pode realizar nenhum trabalho criativo? Desaparece com o eu real.

RESPOSTA: Sim, claro. A criatividade é do eu real. Ser o seu eu real de forma total e completa implica uma boa dose de entendimento, de observação. Mas esse entendimento e observação são constantemente interrompidos pelos seus hábitos arraigados de ocultar, moralizar, justificar e tudo o que está relacionado a isso. Você pode ter sucesso uma vez e depois voltar a se esquecer e, na próxima vez em que se deparar com uma área perturbada, você novamente reprimirá, julgará, se evadirá daquilo que é. Essa é a dificuldade da qual a pessoa precisa estar consciente para poder adotar o hábito de olhar, ver, tentar entender completamente livre de todas as ideias preconcebidas. Talvez, também, a experiência passada do eu real leve a pessoa a admiti-lo como fato consumado e a esforçar-se por alcançá-lo novamente. No entanto, esforçar-se é exatamente o oposto daquilo que traz à tona o eu real. Uma experiência passada não pode ser duplicada em uma experiência direta. Mas a sua maneira de lidar com ela – ou seja, a liberdade com relação à repressão e à evasão, a disposição de ver aquilo que é com calma e sem julgamento, de entender sem ter pressa – isso pode renovar a experiência.

Além disso, o seu eu real está todo recoberto pelas falsas camadas de sobreposição. Você pode ter começado a remover uma área e, assim, ter alcançado um certo patamar, mas outras áreas que agora vêm à tona ainda estão cobertas. Aqui, o passo revolucionário deve ser dado uma vez mais pelo mesmo processo. Se você tiver essa experiência algumas vezes, ela lhe proporcionará uma grande força. Não espere tê-la todas as vezes, ainda. Essas expectativas terão um efeito muito negativo.

PERGUNTA: Mas você está envolvido em um trabalho criativo e então, de repente, já não pode mais fazê-lo?

RESPOSTA: Porque ainda existem certas obstruções em você que você ainda não entendeu completamente. Quando alcançou essa experiência, você ainda não a esperava, já que ela veio espontaneamente; mas inadvertidamente, por assim dizer, você teve a atitude correta que eu discuto com tanta frequência. Então essa atitude é perdida mais uma vez. Em vez dela, existe a expectativa do belo sentimento e, consequentemente, o esforço da mente, lutando contra o que é.

PERGUNTA: Você estava falando sobre padrões sobrepostos. Como devemos educar nossos filhos? A esta altura, todo padrão que damos aos nossos filhos é sobreposto.

RESPOSTA: Bem, meus queridos, esse é um capítulo que vai muito além de uma resposta agora. Tudo o que posso dizer é que a educação humana, neste momento, está tão equivocada. Ela poderia ser tão mais construtiva se a criança pudesse ser educada de acordo com ensinamentos como este. Se autoconhecimento e autoentendimento, o encarar honesto daquilo que é, fossem cultivados na criança, não haveria conflito entre as duas alternativas insatisfatórias de ou deixar livres todos os impulsos destrutivos ou encarcerar o espírito livre da verdade em nome do comportamento correto. A criança poderia ser incentivada desde cedo a desenvolver-se interiormente encarando a verdade, e não apenas a desenvolver-se externamente. Assim, os padrões sobrepostos seriam apenas uma estrutura para aqueles que ainda fossem incapazes de direcionar o seu comportamento para ações construtivas. Pelo fato de a educação estar muito aquém daquilo que já poderia ser no momento, as leis morais se tornam um açoite, uma prisão, uma norma a ser seguida à risca, e o espírito livre do amor não pode crescer. Acho que vai levar algum tempo até que a humanidade mude o sistema educacional, embora alguns começos incertos já tenham sido feitos – e isso vai aumentar lentamente. Talvez primeiramente em cada lar, por professores isolados, mas gradualmente isso vai se

generalizar. Mas até lá, muito mais pessoas terão de se encontrar na verdade e realidade do que são agora, sem se esforçarem por já serem diferentes. Muito mais pessoas terão que, em seu íntimo, honrar o que são em vez de fingir ser algo diferente. E essa é a única maneira pela qual confusão, dor e sofrimento podem ser removidos. Essa é a única maneira pela qual Deus pode surgir. Luz, amor, alegria – tudo isso é resultado da verdade. Não da verdade muito além do estado de vocês, mas do que quer que seja a verdade agora em vocês mesmos.

Bênçãos a todos vocês. Que essas palavras lhes penetrem e, mesmo que o efeito seja pequeno, elas serão tremendamente úteis. Pensem e sintam essas palavras. Acalentem esses pensamentos por sua própria conta, para que possam aceitá-los como verdade. Separem-se de ideias às quais vocês querem se ater somente porque o fizeram por tanto tempo, e porque vocês ainda se esforçam por se reconhecerem como são agora. Tudo isso não traz nada além de conflito. Sejam abençoados, meus amigos, todos vocês. Fiquem em paz. Estejam em Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.